

# DONA AGRIPINA (DA FINISTERRA)

— RAFA IRENO

“Segura bem o piá, Rafa”. Diz sem me olhar. “Terçol, cuido eu. A preta Benedita está ocupada. O bairro precisa mais da benza dela, agora, deixa!” Essa mulher que me fala até parece outra pessoa, delicada ela, doce, agora, examinando o olho bisneto, enquanto, com uma mão, percorre a outra mão, procurando nos dedos, num diálogo sozinha, o certo, o precisado. Encontrado, a língua estrala, o corpo reage inteiro. Dona Agripina tira do anelar, o anel, esfrega forte ele na pele, a veia azul pisado foge por debaixo das costas da outra mão, e daí, encosta o objeto quente na pálpebra gorda do meu filho.

“Pare de tremer, rapaz, você não é homem?”. O menino morde os olhos de medo. Não entende nada ainda. No silêncio cativo da família, eu só observo e reconheço o instante: a mandinga gravando na memória dele. Foi assim, tempos detrás de mim, na minha. Mesmo cheiro redondo de arruda no quintal misturado com naftalina branca do armário. Mesmo barulho de reza na boca dela feito poeira no sol, igual. Passamos todos por isso, aqui. A infecção une a gente. É de mãe, de vó, de bisa, a mão que passa três vezes o anel nos olhos multiplicados das crias... O calor envelhecido, a herança, uma linha de sombra cortando a retina, o horizonte.

Aquela aliança, que cura meu filho, era de meu pai, tem o nome de minha mãe. Não a conheci. Só Dona Agripina. Sempre colecionou coisas, muitas coisas, lata de fermento royal, de minancora, de goiabada, marrom glâce, olé, tipos diferentes de bibelôs. A casa fica um lixo. De todos, os preferidos lhe enforcam os dedos. Há mais anéis do que vida nela já, mas, continua, como um emprego triste, recolhendo restos de mágoas. As mãos de Agripina têm nosso amor no fim. Éramos seis filhos, doze netos, alguns bisnetos. Somente homens – um exército desiludido, como todo exército sempre é, sua maldição.

“Se tivesse tido uma filha ou, pelo menos, um terceiro braço para ajudar na casa”. Pregava sozinha antes de dormir, enrolada Agripina, mortalha da noite, num canto do cômodo escuro, com uma faquinha sempre em punho. A velha guardava medo da desonra, pudor rodeada de machos – a desconfiança, homem é, antes de ser filho! Não esquecia. O pai dela, seu Venâncio, ensinou a arma, cabo madreperolado, peque-

na, ela e a faca, cintilarias da infância, perto da igreja de Santo Amaro, amarelada, andando entre as barracas sem sol, me puxando rápido, de repente, Agripina craquelou a cara de um filho da puta no Largo treze. “Quería roubar e por pouco não fiquei com seu olho eu, é lei comigo, entende? Para de tremer!”.

A palavra da boca, ainda em meus braços, soa estranho, “Pai”... Dona Agripina só, com os olhos rachados de rugas, enxerga o abismo entre nós. “Pai, vamos?”, o garoto repete na minha direção. Abre aqueles olhos, claros intrusos, puxados daquela vagabunda. O nome dela também dedilha as mãos de Agripina. Na minha vez, trouxe eu o anel. Ela tinha me ensinado nada disso. Era instinto, parecia natural, voltar, entregar, ficar... e nunca perdão por ter ido embora. Não tinha notado antes as mãos tão calejadas de anel. Naquele dia, tinha carne-seca no varal, dependurada, quando cheguei, as mãos catavam ovos das moscas no charque preto, metal reluzindo varejeiras do sol, no quintal, coisa difícil de ver. As cores dos cacos de vidro queimando no muro que nem catedral, tipo vitral, o amor. Vontade era colocar fogo em tudo, na favela.

O menino perdido lagrimeja “Pai” outra vez. Eu lambo a água de seu olho como Agripina fez comigo, apagando a queimação. O sal das carnes é amargo, aprendia. “Vamos, meu filho, preciso devolver você no Figueira Grande! Agora, vai sarar”. Terçol, mão de mulheres, destino homens, a solidão de Agripina levou a gente até o portão.

**RAFA IRENO** – É um escritor e crítico da periferia de São Paulo. Neste momento, faz um doutorado em cotutela, entre a Universidade de São Paulo e na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, estudando sobre poesia e política nas obras de Rubem Braga e Jacques Prévert. Em 2018, publicou no *Sarau da Cooperifa*, de maneira independente, seu segundo fascículo de poemas em prosa chamado *Três por Quatro*, sendo o primeiro volume *Corpo Extranho* de 2015. Contribuiu também com o site Letras in.verno e re.verso (<http://www.blogletras.com/>) e, não tão amiúde como gostaria, escreve em seu próprio blog (<http://amiudo.blogspot.com/>). Contato: [irenorafa@gmail.com](mailto:irenorafa@gmail.com)